



CAPITULO XIII

MEMORIA E ASSOCIAÇÃO DAS IDEIAS

Aspectos geraes da memoria. — Condições cerebraes de que resultam as funcções associativas. — As lembranças. — Qualidades de memoria. — Evocação e associação. — Typos de memoria. — Memoria elemental. — Substituição de representações. — Perturbações da memoria. — Caracter geral da associação das ideias. — Formas de associações. — Contiguidade e semelhança.

1. Vimos que a actividade mental se caracteriza como—*capacidade de utilizar experiencias anteriores, para elucidar situações actuaes*. De sorte que toda elaboração intellectual repousa sobre essa propriedade de reconstituição do passado, a que chamamos — *memoria*, propriedade que resulta, finalmente, da plasticidade do aparelho nervoso, e da concurrencia de diversos centros cerebraes, no desenvolvimento de cada processo mental. E de tal modo se passam as cousas, que a memoria se torna condição essencial na realisação da vida psychica. As exigencias do methodo nos levaram a reservar para agora o estudo e a analyse desse aspecto da actividade mental, tratando da memoria como si fôra funcção á parte. Todavia, desde que tivemos de descrever o processo do conhecimento abstracto (pag. 127), assignalamos o papel da memoria, accentuando ao mesmo tempo — que nenhuma elaboração mental se pode realizar sem o concurso dessa propriedade de reconstituição, e que a chamada *funcção da memoria* era, de facto, a ex-

pressão de uma propriedade geral da materia viva. Em verdade, a memoria não chega a ser uma funcção distincta na actividade mental, analoga á percepção ou á imaginação. E' essencial o papel da memoria, mas sempre subsidiario. Não ha funcção, nem momento da vida intellectual que se possa realizar sem incluir exercicio de memoria. Todavia, em certas circumstancias, ha operações intellectuaes que se definem principalmente como reconstituições do passado; então, podemos apreciar os resultados da memoria como que isoladamente e de modo distincto. Nesses momentos, o aspecto — *memoria* pode ser perfeitamente estudado e analysado.

2. Para comprehender devidamente o papel da memoria na vida mental, papel ao mesmo tempo essencial e subordinado, convem considerar toda elaboração da intelligencia como resultado de: funcções representativas — percepção, imaginação, juizo... e de funcções associativas (pag. 126). Nas funcções associativas, de que resulta a reproducção dos estados de consciencia, distinguem-se, por sua vez, — a "memoria" e a "associação das ideias". Define-se, então: *memoria* — a capacidade de fixar, conservar e evocar experiencias anteriores; *associação de ideias* — a propriedade em virtude da qual, dada uma representação, outras são attrahidas ao campo da consciencia. Em verdade, não ha memoria, não ha reconstituição do passado, sem associação das ideias. Essas duas funcções concorrem para o mesmo fim, si bem que resultem de factos physiologicos distinctos: *plasticidade nervosa e concurrencia de centros corticaes*. No caso, devemos assignalar que a memoria corresponde a uma propriedade mais geral, e que, de certa forma, a associação das ideias está comprehendida na memoria. Na realidade, as duas funcções são inseparaveis. Essas duas expressões designam aspectos caracteristicos da condição fundamental na organização da experiencia mental — a capacidade de reconstituição do passado relacionado ao presente.

3. Os processos mentaes evocados em memoria recebem o nome de *lembranças*. Consideram-se, na lembrança, diversos aspectos, que são como outras tantas "operações da memoria": a *fixação*, a *conservação*, a *reprodução*, o *reconhecimento* e a *localisação*. . . As tres primeiras operações definem-se nesses mesmos termos que as designam; ellas constituem a propria essencia do acto de memoria. Não póde haver lembrança, sem a triplice aptidão do espirito — para fixar, conservar e reproduzir. O *reconhecimento* é o acto no qual aceitamos a representação, ou noção evocada, como producto da memoria, e não como pensamento original; a *localisação* consiste em determinar as circumstancias, de tempo e de lugar, em que se deu a elaboração originaria da representação evocada. As lembranças acompanhadas de reconhecimento e de localisação recebem o nome de *lembranças completas*. As outras são reminiscencias (1). A falta do reconhecimento implica naturalmente a falta de localisação, e muda completamente o tom subjectivo da lembrança, porque leva o espirito a admitir como *originaes* representações que são puras evocações. E' nestas condições que o individuo acredita ter produzido imagens, ou conceitos novos, quando está simplesmente repetindo reminiscencias. A realisação da memoria, em boas condições, equivale a vantagens mentaes, que se designam como — "boas qualidades da memoria": *facilidade* (de fixação), *tenacidade* (de conservação), *promptidão* (de reprodução), *fidelidade* e *exactidão* (de reconhecimento e de localisação).

4. Esta analyse da lembrança tem a vantagem de distinguir a parte que resulta propriamente da plasticidade cerebral, da que depende mais directamente da associação ou concurrencia dos centros cerebraes, e faz comprehender, ao mesmo tempo, uns tantos as-

(1) Na linguagem commum, chamam-se de *reminiscencias* — as lembranças em que ha reconhecimento, mas falta a localisação. Deste modo, são negadas as mais interessantes das reminiscencias.

pectos paradoxaes no modo de ser da memoria. O mais frisante desses paradoxos está na apparente opposição — entre a *facilidade* e a *tenacidade*. Em geral, a memoria que fixa com facilidade, com facilidade esquece... Porque? Para explical-o, é mistér determinar as condições de que depende, em especial, cada um dos actos — a fixação e a conservação. A fixação é a expressão, ou o resultado immediato, da plasticidade nervosa, plasticidade que pode ser maior ou menor, e que se exprime subjectivamente pela impressionabilidade. As crianças apresentam naturalmente o gráo maximo de plasticidade cerebral; são muito impressionaveis—*têm memoria muito facil*. A conservação, porém, depende do vigor nos traços resultantes das impressões; comprehende-se muito bem que a materia nervosa pode ser muito plastica — para se fazer impressionar facilmente, mas que os traços deixados não tenham vigor, e facilmente se dissipem. Dahi, decorre que a conservação depende immediatamente, não da impressionabilidade, mas da repetição da impressão; é esta a condição que assegura a persistencia dos traços, e lhes dá vigor. Não ha opposição essencial entre as duas qualidades de memoria; mas occorre que, si a memoria é facil, como acontece com a criança, o individuo não insiste em repetir as impressões; os traços não se accentuam, e, por isso, não terão persistencia. No emtanto, si a pessoa dotada de memoria facil insistir em repetir as impressões, mesmo depois de as haver fixado, dará ás suas lembranças o tom de tenacidade que têm as dos individuos que, por terem memoria menos facil, se vêm forçados a insistir nas repetições.

5. A reproducção, essa depende explicitamente da associação. E' evidente que não se póde evocar sinão aquillo que foi fixado e se conserva; mas, em si mesma, a reproducção resulta de uma circumstancia actual — de uma oportunidade. Evocações absolutamente expontaneas, não as ha. O mecanismo geral é este: uma *excitação* qualquer dá logar a uma representação, onde ha elementos identicos aos de ou-

tra representação — anterior, e isto provoca a evocação dessa representação passada. Estive numa reunião em companhia de diversas pessoas; encontro-me, agora, com uma dessas pessoas, e *lembra-me* o aspecto do salão... No jardim onde passei grande parte da minha infancia, havia certa herba de olor penetrante; hoje, si sinto esse perfume, acodem-me á lembrança as scenas e as *paysangens* de então. A explicação do facto é muito simples: o trabalho mental se faz, sempre, mediante o concurso de diferentes centros corticaes, e, para a realisação de cada processo intellectual, estabelecem-se outras tantas *systematisações* ou agrupamentos de centros coordenados e em função; crêa-se, de facto, uma especie de habito, ou tendencia á reconstituição desse agrupamento functional; si, posteriormente, um desses centros é excitado por nova impressão, manifesta-se a tendencia á reconstituição da associação antecedente, na qual elle entrara; isto é, a excitação actual de um dos centros que participaram da *systematisação* anterior tende a propagar-se a todo aquelle *systema*, e o fará funcionar (pag. 128). E' a evocação. Está bem visto que nem sempre se realisa essa reconstituição ou revivescencia das *systematisações* functionaes anteriores, em *connexão* com as impressões actuaes; si tal acontecesse, seria a balburdia mental. A reconstituição só se dá quando a impressão actual se refere a um centro que teve participação importante e caracteristica na *systematisação* anterior; por outras palavras — a evocação ocorre quando o elemento representativo commum ás duas representações tem um valor caracteristico para cada uma dellas. Não é porque me encontro com uma pessoa vestida de preto que me lembrarei da reunião a que assisti *ante-hontem*; mas si ouvir hoje o mais bello dos trechos de musica ali executados, é muito provavel que a evocação se dê, assim como se dará a lembrança do enterro a que compareci *hontem* — si hoje me encontro com uma pessoa trajada de luto.

6. Dessa multiplicidade de condições naturaes,

que determinam a reconstituição do passado, resulta que a memoria se apresenta como funcção de varios aspectos, ou qualidades, e que pôde haver mesmo, como vimos, uma qual opposição entre as qualidades da memoria, opposição que se estende á capacidade de promptidão, fidelidade e exactidão. Uma memoria *prompta* é muitas vezes infiel, inexacta. A boa systematisação das associações constitue a garantia dessas qualidades da memoria; mas as associações podem desenvolver-se em duas sortes de series — *lineares* e *irradiadas*; quando predominam as lineares, por exemplo, a memoria é *prompta*, com prejuizo da fidelidade; si predominam as associações irradiadas, isto é — em torno de uma representação, a memoria é mais fiel e exacta, si bem que seja mais lenta. Essas distincções se tornarão mais comprehensíveis depois de estudadas e analysadas as differentes formas de associações. Agora, o que devemos assignalar são as diversas modalidades que se accusam no exercicio da memoria. Tambem concorre para a promptidão da memoria a riqueza de imagens, porque ellas facilitam as associações. As imagens formam, de facto, o *substratum* de toda memoria, porque contêm os resultados immediatos das primeiras experiencias mentaes ou do exercicio dos sentidos. São ellas as primeiras representações fixadas pela memoria. Por isso mesmo, a natureza sensorial das imagens interessa especialmente á analyse das funcções associativas — porque serve para caracterisal-as e definil-as. Já sabemos (pag. 147) que, no exercicio dos sentidos, ha quasi sempre predominancia de um sobre os outros, resultando dahi uma riqueza maior das imagens que a esse sentido se referem. Ha pessoas que mais facilmente fixam imagens visuaes, ao passo que outras gravam mais promptamente as imagens auditivas... Nestas condições, sendo as imagens o *substratum* da memoria, no lembrar, certas pessoas evocam desde logo as imagens visuaes, ou recorrem de preferencia para essas imagens, quando outras recorrem ás imagens auditivas, ou motoras. Dahi o distinguem-se

tres typos de memoria: typo *visual*, typo *auditivo* e typo *motor*.

7. Sendo a memoria a capacidade de fixação e conservação, de que resulta a reconstituição do passado, somos forçados a admittir uma *memoria elementar* e indistincta, como base de toda a primeira experiencia mental... E' a memoria correspondente á phase inicial da vida intellectual — que vae das primeiras sensações externas até o momento em que a actividade mental já está caracterisada nas suas formas essenciaes — e a criança já ajuiza, já possui ideias, e já se serve dellas correntemente por meio da linguagem. E' a phase do surgir da intelligencia, e que se termina, o mais tarde, aos tres annos. Nessa idade, rara será a criança, que não mereça a denominação de — ser intelligente. Ora, a capacidade intellectual que a criança possui nessa quadra presuppõe exercicio de memoria — fixação, conservação, reprodução; toda experiencia mental ulterior vem repousar sobre a organização e a capacidade intellectual de então. E' obvio que, si os resultados ou effectos do exercicio da memoria, até ali, se dissipassem, a criança teria de recommençar a sua organização intellectual. A memoria de "antes dos tres annos" continua-se necessariamente com a dos quatro, e cinco annos, como a dos cinco annos se liga á dos seis e oito annos. No entanto, essa memoria correspondente á phase inicial da organização mental é inteiramente indistincta, e não se exprime por actos explicitos; quer dizer: geralmente, não nos lembramos de nada que nos tenha occorrido antes dos tres annos. As representações anteriores a essa idade como que se dissipam; dir-se-ia que houve uma eliminação de toda a experiencia mental dos primeiros tempos. Tal não se poderia dar; mas ha impossibilidade de reconstituição ou reprodução explicita, e a memoria é, apenas, uma conservação elementar, basica, mas implicita, da experiencia primitiva.

8. Não é a questão do tempo, ou a distancia, simplesmente, que torna impossivel a evocação das repre-

representações anteriores aos dois annos e meio ou tres annos de idade: um adolescente não consegue lembrar-se dos primeiros passos que deu quando bêbé; no entanto, um velho de sessenta annos pôde lembrar-se da sua entrada no collegio, aos seis annos de idade. Dá-se, mesmo, o facto, tão notado e referido, de que os velhos evocam e conservam bem mais facilmente as representações de longa data, que as de origem recente, o que é muito natural, pois que a conservação depende da repetição, e a evocação depende da nitidez das associações, que, por sua vez, tambem depende da repetição. As representações antigas, que se conservam, estão firmadas em traços profundos. Repetidamente evocadas, ellas se reforçam cada vez mais, e a propria perda da plasticidade cerebral, resultante da idade, garante os traços antigos. A impossibilidade de reconstituir representações anteriores aos tres annos de idade resulta da — *substituição*, que necessariamente se fez, dessas representações por outras mais perfectas e completas. Essa substituição não se realisa subitamente; ha uma necessaria gradação; mas a verdade é que as ideias, imagens e noções de uma criança de seis annos não são mais aquellas que se lhe representavam na consciencia aos dous annos. A propria forma dos processos mentaes se modifica muito, porque se tornam mais complicados, mais explicitos e diferenciados. O bebé, mesmo quando já manifesta intelligencia e discernimento — aos dous annos de idade, realisa uma vida psychica onde os estados de consciencia não accusam diferenciação; cada representação é um bloco, que é ao mesmo tempo — conhecimento e affeição. Os termos do juizo não se distinguem. Por isso mesmo, nessa idade, a linguagem da criança faz destacar, apenas, a phrase, mostrando claramente que os dados mentaes, em vez de se synthetisarem em representações distinctas, capazes de se coordenarem por sua vez em juizos explicitos, condensam-se desde logo em juizos exponentes e implicitos, juizos que têm a forma global e simples de representações immediatas, juizos que

são necessariamente falhos e precarios. Resulta de tudo isto, que taes representações têm de ser substituidas mais tarde, por outras mais explicitas e correctas. Si se pudesse fazer o inventario do conteudo mental de uma criança de sete annos, bem poucas representações — imagens ou ideias — se encontrariam das que existiam aos dous annos de idade; ao passo que num joven de 16 ou 18 annos, ainda persistem representações que vêm directamente dos 5, ou 7 annos de idade.

9. De todos os aspectos da actividade mental, é a memoria aquelle que mais promptamente e mais explicitamente se resente das modificações e perturbações organicas. São por isso muito communs — as *quédas de memoria*, as lacunas, as restricções, os esquecimentos, geraes ou parciaes. Todas essas perturbações recebem o nome de *molestias da memoria* (amnesias geraes, ou parciaes), cujas causas podem ser geraes, ou locaes. Já vimos que a idade, pela redução da plasticidade cerebral, produz uma quéda geral do poder de retenção da memoria. As outras causas geraes são — a fadiga, as intoxicações... todos os factores, emfim, de depauperamento organico. Note-se que nesse caso — quando a memoria enfraquece pela fadiga, ou por outras causas analogas, o esquecimento não alcança por igual todas as formas de representações. Na fadiga, por exemplo, esquecem-se de preferencia os nomes proprios, e os nomes correspondentes a ideias pouco abstractas; o desmemoriado pensa numa pessoa, num animal conhecido, mas o nome não lhe acode, ou, pelo menos, é-lhe preciso um esforço especial para evocar e achar esse nome. O facto explica-se muito bem: taes ideias evovam-se geralmente sob a forma de imagens geraes (pag. 135). Para as necessidades do pensamento interno, silencioso, basta essa forma de evocação; e o cerebro, pela lei do menor esforço, dispensa-se de fazer a evocação do symbolo dessas ideias menos abstractas. Quando ha, porém, necessidade de exprimir o pensamento, accusa-se o esquecimento ou ausencia

do signo verbal, e faz-se preciso um esforço especial para evocal-o. As causas locais de amnesias são as lesões cerebraes, provenientes geralmente de hemorragias, de tromboses... Essas lesões podem produzir desmemoriamientos mais ou menos vastos, affectando taes ou quaes ordens de representações, taes ou quaes processos mentaes. Isto depende, por um lado, da extensão da lesão, e, por outro, da região ou centro cerebral lesado. Certas vezes, ha perda total da memoria da palavra, sob todas as formas; outras vezes, perde-se apenas a memoria necessaria para a decifração da escripta... Comprehende-se bem: si a região lesada é o centro de interpretação dos sons como valores verbaes—o doente esquece a significação das palavras, assim como póde esquecer a coordenação dos movimentos do braço, si foi esse centro motor o lesado. Num caso, ou no outro, ha o recurso da reeducação.

10. As representações mentaes associam-se graças aos attributos communs: tal imagem apresenta, bem nitido, o attributo *rubro*... a ideia da guerra encerra o attributo *ferida* — *sangue*... é muito provavel que a vista dessa imagem evoque a ideia de *guerra*. A existencia do attributo commum implica, já o vimos, a concorrência de um mesmo centro cerebral na elaboração das duas representações associadas. Esse attributo commum é o élo, ou a ponte de passagem: trazem-me uma papoula para que eu a admire: por uma serie de associações, vêm-me ao espirito... *sangue* — *combate* — *morte* — *luto* — *orphão* — *criança* — *escola* — *escripta* — *papel*... de tal modo que, cinco minutos depois de receber a flor, acode-me perguntar á propria pessoa que m'a trouxe — "Já veiu o papel que encomendei á papelaria?"... Sendo os attributos communs os élos associativos, comprehende-se, desde logo, que as associações se podem desenvolver, como dissemos, por duas formas: ou em séries *lineares*, quando a consciencia passa de uma representação a outra, por um desses élos, e desta outra a outra... como no caso papoula... papel; ou — *irradiados* — em torno da mesma representação, a que

se vêm ligar varias outras, correspondendo a cada um dos attributos: papoula-sangue, papoula-medicamento, papoula-belleza, papoula-assetinado, papoula-jardim... Si se trata de uma representação rica de attributos, o agrupamento é muito maior: *navio-vela*, *navio-viagem*, *navio-leme*, *navio-bussola*, *navio-madeira*, *navio-quilha*, *navio-bordejo*, *navio-commando*, *navio-convéz*, *navio-naufragio*, *navio-pharol*... Essas associações têm de ser, necessariamente, limitadas, pois dependem do numero de attributos que concorrem na representação.

11. Ha intelligencias nas quaes predominam as associações em series lineares; noutras, predominam as associações irradiadas. As associações em series lineares são mais faceis, mais communs e mais promptas; dão ao espirito uma pronunciada volubilidade, uma qual vivacidade de pensamento. As segundas constituem a condição necessaria do pensamento profundo e realmente original, porque a originalidade da producção intellectual está em chegar a associações justas e precisas, mas que não sejam banaes, nem corriqueiras. Ora, para tanto, é preciso que o individuo seja capaz de manter na consciencia um objecto, uma ideia, considerando-a em cada uma das suas associações possiveis, até que se definam associações novas. E' isto que dá valor proprio ao pensamento, e caracteriza as verdadeiras creações estheticas. Nas mentalidades afeitadas ao pensar meditado e ao labor artistico, as associações triviaes passam-se como que em surdina, e só as associações ou approximações originaes se impõem vigorosamente á consciencia: "O mar é fiel... *vae e vem*..." (Richepin). Antes de chegar a esta associação, tão precisa e tão bella, o poeta naturalmente repassou a generalidade de associações que occorrem á ideia de *mar*. O seu espirito, sem sair da representação, afastou toda a chusma das banalidades, para chegar á approximação — "fluxo-refluxo... vagas que constantemente *vão e voltam*... constancia-fidelidade..." em contraste com as guas

do rio — que *passam e não voltam nunca...* (1). A inspiração subita, rara aliás, corresponde aos casos em que esse perpassar preliminar de associações vagas e banaes se faz de modo subconsciente.

12. A associação das representações presuppõe sempre uma contiguidade funcional, no tempo ou no espaço, contiguidade de centros cerebraes, trabalhando concomitantemente, ou successivamente. Então, admitte-se que — toda associação se reduz a casos de contiguidade. Apesar disto, a exemplo da Logica, a Psychologia continúa a distinguir, nas associações, dous typos — por *semelhança* e por *contiguidade*: *papoula-sangue*, — *semelhança*... *papoula-jardim*, contiguidade. Em verdade, nas semelhanças ha uma simples contiguidade de attributos. São semelhantes ás representações onde se encontram attributos communs, e a semelhança é tanto mais pronunciada, quanto maior é o numero desses attributos. Entre *canario* e *morcego*, a semelhança é menor do que entre *canario* e *pintasilgo*, porque, aqui, ha mais attributos communs. Na contiguidade propriamente dita — *balança* e *peso*, ha uma contiguidade de imagens, ou de ideias, dentro de uma representação mais vasta: *balança* e *peso* são dados na representação geral da ideia de *venda* e *mercado*... Os logicos distinguem ainda as associações de: *causa* e *efeito* — *combustão* e *calor*... *forma* e *substancia*, *genero* e *especie*... e muitas outras, inclusive as de contraste — *bom* e *mão*, *dia* e *noite*... Todas ellas se reduzem á contiguidade, até mesmo as associações de contraste: *di-noite*... *branco-negro*... *bom-mão*... são polos de uma escala; são polos ou extremos de uma escala onde existem todos os grãos intermediarios, mediante

(1) E' facto a notar: a criança, inexperiente, com reduzida riqueza de ideias, tem o seu movimento associativo muito restricto; não lhe acodem muitas dessas associações triviaes no adulto, e chega, então, frequentemente a associações, si não justas, pelo menos interessantes pela originalidade, como acontece quando ella diz: que a borboleta é uma flor que está voando.

os quaes se faz a contiguidade. Pelo habito, esses grãos intermediarios se eliminam nas intelligencias já educadas. Sem a noção dessa escala intermediaria, seria tão pouco frequente e tão absurda a associação claro-escuro, como a associação claro-longe.

A memoria, como capacidade plastica que é, fixa e conserva tudo que concorre para o proseguimento da vida mental. É, de certo modo, passiva: aceita e guarda o que lhe offerecem. Reproduz o que existe mas, no reproduzir e reconstituir, ella já é subsidiaria da associação. Nesta, encontramos um aspecto mais accentuadamente activo. W. James pretende que "o character do individuo está inscripto nas suas associações". De facto, ellas exprimem a propria estrutura mental; é nellas que se fixa o methodo.



CAPITULO XIV

A LINGUAGEM

Exteriorisação e objectivação da actividade psychica. — Expressão intencional e linguagem. — Caracter geral da função da linguagem. — Symbolisação. — Exteriorisação e comunicação. — Analogia das consciencias. — Socialisação do pensamento. — Expressão verbal automatica. — Condições psycho-sociaes da linguagem. — Origem da palavra. — O grito e o gesto. — Vantagens dos signaes sonoros. — Evolução das linguas. — Normas e lexicon. — Desenvolvimento do vocabulario. — Diferenciação dos termos.

1. As reacções psychicas tendem a exteriorisar-se, porque, de modo geral, correspondem a transformações das excitações sensoriaes em estímulos motores. A exteriorisação póde fazer-se sob a forma de movimentos e actos expontaneos, determinados directamente pela excitação, e sem utilidade immediata, como as contracções faciaes do riso, as lagrimas que acompanham as dores; ou sob a forma de movimentos e actos intencionaes, immediatamente uteis, como o de quem vê um fructo e o *colhe*. Tanto num caso como no outro, esses actos de exteriorisação se prestam a ser interpretados, e permitem ajuizar dos estados de consciencia a que estão ligados. A differença essencial entre elles consiste explicitamente, no seguinte: os primeiros são actos puramente emotivos, inteiramente expontaneos, sem nenhuma coordenação ponderada ou intencional, pois que são instinctivos e mecanisados; ao passo que os outros são actos de uma co-

ordenação adrede instituída, de accordo com a situação actual e immediata a que correspondem; são actos mais ou menos reflectidos e reformaveis (1). De par com essas formas de exteriorisação, occorrem duas outras, que têm fim utilitario e são intencionaes — não como realisação immediata ou directa, e sim como recurso de communicação. São os actos e as manifestações que se fazem com o intuito definido de serem percebidos e interpretados pelos outros, como expressão dos estados de consciencia de quem os produz.

A actividade psychica traduz, de modo geral, as relações com o meio; mas, como realisação, ella se desdobra: ou é preparo e coordenação de actos em que o individuo se adapta directamente e isoladamente; ou é processo para coordenar a actividade individual com a dos outros.

2. Esses actos — intencionalmente expressivos — constituem a *linguagem*, que é, de facto, a forma mais extensa e mais completa de expressão. No entanto, não esqueçamos que todas as outras formas de exteriorisação, capazes de serem interpretadas, são outros tantos actos expressivos, e que a linguagem é, apenas, uma das formas de expressão. Por sua vez, os actos de linguagem podem ser: ou *imediatamente expressivos*—como quando apontamos para um perigo que ameaça alguém, e quando reproduzimos num desenho uma imagem; ou *symbolicamente expressivos* — quando nos servimos de signos que indicam ideias e imagens a que estejam convencionalmente associados. Tal acontece quando nos exprimimos por meio de palavras, ou de quaesquer outros signaes convençionados.

(1) Muitas das exteriorisações mecanicas ou expontaneas, nas emoções, são innegavelmente uteis — no medo, no desejo... mas a sua realisação é independente da reflexão ou da vontade; ainda que sejam uteis, não são intencionaes.

Assim resumindo, a expressão se distingue em:

EXPONTANEA manifestações emotivas

INTENCIONAL —

{	Sem o fim de expressões	actos immeditamente uteis		
	Intencionalmente expressiva (linguagem)	<table> <tr> <td rowspan="2" style="font-size: 3em; vertical-align: middle;">{</td> <td>expressão directa</td> </tr> <tr> <td>expressão symbolica</td> </tr> </table>	{	expressão directa
{	expressão directa			
	expressão symbolica			

Toda linguagem presuppõe, por conseguinte, a produção e o uso de signaes; mas, ao passo que, na linguagem directa, os signaes se cream no momento — para indicar especialmente um estado de consciencia, na linguagem symbolica, usam-se signaes de valor convencional, que exprimem principalmente ideias, ou quando muito, imagens já vulgarisadas. A linguagem symbolica, ou linguagem propriamente dita, é, pois, um systema de signaes convencionaes. Esses signaes são as palavras. Quando dizemos “systema” queremos assignalar que, não só os signaes têm valor determinado, como são usados segundo regras precisas.

3. De modo geral, a linguagem symbolica corresponde a uma importantissima necessidade da vida psychica e social: é o meio pelo qual se communicam effizantemente as consciencias. Accentuando este facto, reconhecemos que, fosse esta, embora, a sua função unica, ella não poderia deixar de interessar á Psychologia, porque o exercicio da linguagem vem patentear: 1° — que ha analogia nos processos geraes das consciencias; 2° — que, graças a essa analogia, se realisa a communicação das consciencias. Notemos, porém, desde já, que os signaes da linguagem verbal correspondem, na vida psychica, a uma outra função, toda intima, exclusivamente mental, pois que concorre para a propria elaboração do pensamento. E’ a fun-

ção de *symbolisação das ideias*. Por isso mesmo, desde que descrevemos e analysamos o processo de elaboração das ideias, fizemos referencias a essa ultima phase — de denominação ou symbolisação (pag. 111). Tudo se resume no facto de que — nós pensamos com duas sortes de representações: umas inteiramente concretas — percepções e imagens; outras mais ou menos abstractas — ideias. As representações concretas evocam-se directamente, nos proprios attributos ou valores sensoriaes: quando penso no incendio que vi hontem, o que me vem á mente é o conjuncto de sensações characteristics. As ideias, porém, evocam-se nos respectivos symbolos, e quando pensamos em — *meditar, saber, caridade, sciencia, destino...* essas representações se nos affirmam á consciencia sob a forma necessaria de signaes verbaes. E' verdade que certas ideias menos abstractas, como as de — *lavrador, naufragio, cão...* podem evocar-se numa imagem geral, ou generalisada (pag. 113); mas os concepts, esses, qualquer que seja a consciencia onde se representem, têm que ser evocados em palavras. Quer dizer: independentemente da função de expressão, ou exteriorisação e communicação, a palavra tem um papel interior, essencial na elaboração do pensamento — o de symbolisar, para a propria consciencia individual, as suas representações abstractas.

4. A palavra é, em si mesma, um som ou uma combinação de sons, cuja imagem associamos intimamente a uma representação, geralmente abstracta. A essa associação é que se dá o nome de symbolisação. O processo de associação symbolica pôde estender-se a outros signaes que não sejam palavras, e é assim que a ideia de *patria* se associa á da respectiva bandeira, a de *esperança*, á da côr verde... Taes symbolos têm, porém, mais referencia á vida affectiva que aos processos representativos. O typo perfeito do mecanismo de symbolisação nós o encontramos na linguagem verbal. A importancia primeira da palavra está em que — sem esse signal, fôra impossivel de-

finir, classificar e evocar categorias geraes de seres e de relações. Então, com toda a razão se diz — que o homem pensa com palavras, sempre que tem de evocar representações abstractas. Reconhecendo na palavra essa função interna, de symbolisação, comprehendemos perfeitamente a sua extensão, no exteriorisar-se — para exprimir e communicar os pensamentos. A imagem que, no intimo da consciencia serve para distinguir as ideias e evocal-as, objectivada e traduzida em actos perceptíveis, dá-lhes necessariamente a justa expressão, — a que as mesmas ideias convém. Quando sentimos a necessidade de entrar em comunicação com outras consciencias, basta-nos: realisar os movimentos correspondentes á emissão, ou fixação, das imagens sonoras com que vamos symbolizando a parte abstracta do pênramento, e, ao mesmo tempo, decompor em termos abstractos as imagens concretas, exprimindo-as como se fossem outros tantos conjunctos de abstracções, porque só assim podem ser ellas exteriorisadas na linguagem symbolica, uma vez que a palavra só traduz directamente abstracções. Si eu penso commigo mesmo — “que o grito ouvido ha pouco, deve ter sido lançado por uma pessoa em perigo...” o que se evoca na minha consciencia é a imagem ou reviviscencia sensorial do grito, e os symbolos verbaes correspondentes ás ideias de — *creatura humana... terror... perigo... imminencia...* Mas, si eu tenho de communicar o caso a outrem, para exprimir a imagem do grito, devo decompor-a, e dizer, por outros tantos symbolos de abstracções, cada um dos attributos do grito — *profundo, longo... dolorido, angustiado...* Ao passo que as ideias propriamente ditas, essas exteriorisam-se immediatamente, desde que eu dê forma objectiva aos respectivos signaes verbaes.

5. Resumindo: a expressão do pensamento pela linguagem consiste — *a)* em realisar objectivamente os movimentos correspondentes aos sons que symbolizam as representações abstractas; *b)* em decompor as representações concretas, para exprimir os respe-

ctivos attributos como outras tantas abstracções. Na consciencia humana, a função geral da linguagem está instituida como um jogo de symbolos de abstracções, porque fôra impossivel desenvolver um pensamento sem fazer intervir ideias, e realizar communicacção, isto é, ser comprehendido, sem um systema de valores geraes. A linguagem se baseia na analogia dos processos mentaes, e presuppõe um codigo de formulas e de signaes. Na expressão humana, predomina necessariamente o signal verbal, principalmente para a vida intellectual; todos os outros recursos, espontaneos ou intencionaes, são subsidiarios. O pensamento tende para a acção, mas é essencialmente socialisado. A propria acção humana é sempre socialisada, desde que tenha um character intelligente; ao mesmo tempo, nelle concorrem sempre abstracções, e de tudo isto resulta que, mesmo nos casos de execução immediata, o pensamento tende para a expressão verbal.

Como se vê, a função intima da palavra — a symbolisacção — é essencial na elaboracção do pensamento; mas, nas apreciações communs, só a função de expressão parece existir. Duas circumstancias concorrem para dar ao signo verbal esse papel restricto, como simples recurso de expressão: 1º, no cotejo entre as duas phases da intervenção verbal — a symbolisacção interna e a enunciação, esta ultima se impõe de modo mais preciso á attenção, porque se traduz num acto explicito, positivo e objectivado; 2º, a generalidade das ideias que formam a riqueza mental das consciencias são ideias transmittidas, isto é, são ideias que se adquirem já feitas e symbolisadas, de sorte que ellas se integralisam no conteudo mental fundidas ao respectivo signo; o trabalho de symbolisacção propriamente dita só se destaca nitidamente na consciencia que crêa a ideia. Mas a creação de taes valores mentaes é cousa relativamente rara. O commum das mentalidades pensa como o acervo de ideias correntes. E' innegavel, porém, que quem consegue lobrigar aspectos novos nas cousas, e chega a

criar ideias, distingue perfeitamente o processo necessário — da symbolisação. Quando Darwin chegou á ideia capital da sua theoria da evolução biologica, teve certamente consciencia da necessidade de assignal-a, para si mesmo, na formula — *selecção natural*. Por esse motivo, para a generalidade dos individuos, a palavra tem realmente o valor de simples signal convencionado.

6. A linguagem propriamente dita se define, pois, já o vimos, como — conjuncto de signaes sonoros, com que symbolisamos as representações abstractas e generalisadas, e as exprimimos quando se faz mister communicar o pensamento. E', por conseguinte, uma funcção, ao mesmo tempo, individual e social. Não ha nisto contradicção, nem antagonismo. O aparelho nervoso cerebral tem a mesma conformação geral em todos os individuos normaes; as funcções psychicas se realisam com uma relativa uniformidade de processos. Dahi deriva a analogia das consciencias. O raio luminoso, que dá a sensação amarello a um individuo, determina a mesma sensação em todos os outros typos normaes. Por isso mesmo, a interpretação dos phenomenos e a discriminação das relações se pódem fazer com um relativo accordo das consciencias, e com a collaboração, mais ou menos explicita, de todas as intelligencias; donde resulta que o proprio pensamento humano é essencialmente social, não só pela generalisação dos valores symbolicos, como pela marcha dos processos cognitivos. As ideias são verdadeiros typos evocativos socialisados; quando affirmamos que a palavra — *trabalho* — tem a mesma significação para todos, queremos dizer que ella corresponde a uma representação abstracta, com o mesmo valor para todas as consciencias; é essa representação que dá significação á palavra. Por outro lado, verificamos que o criterio — *razão*, orientador do pensamento, é um criterio socialisado, resultante do cotejo de todas as consciencias. Noutros termos: cada um de nós, desde que pensa, por mais que se

isole na sua consciencia, tem de realisar um pensamento caracterisadamente communicavel, porque as normas e os objectos hão de ser os mesmos que os das outras consciencias. De sorte que, em verdade, entre a elaboração intima do pensamento e a sua expressão verbal, ha uma distincção muito menos nitida do que parece, quando se admite a definição de linguagem como — simples *função de expressão*.

7. Na realisação formal da mentalidade humana, é impossivel ajuizar, reflectir, raciocinar... approximar ideias, relacionar-as, sem as distinguir, na propria consciencia, sob a forma de symbolos; e o pensamento que assim se define, é, *ipso facto*, communicavel, porque o trabalho da elaboração pessoal consiste, justamente, em ajustar as relações que lobrigamos, e as concepções que temos, a esses valores mentaes generalizados. Por mais original que seja uma mentalidade, o seu merito estará sempre em tirar das ideias existentes outras ideias, que possam entrar para a corrente geral das consciencias. O proprio pensamento creador começa na experiencia geral, e para ella se volta. A noção simplista de — linguagem-expressão é, não sómente incompleta, como desorientadora. Philologos, pedagogos e linguistas, que tratam a linguagem como qualquer cousa de exterior á elaboração mental, chegam por isso a conclusões absurdas. Imaginam que o pensamento só se associa á forma si tem de ser exteriorisado, e dictam applicações e preceitos como si no caso só houvera simples questões de forma, quando, em verdade, no pensamento, *forma e substancia* se confundem, porque o elemento caracteristico, como substancia — a ideia — existe generalizado e prezo a um symbolo. A linguagem nasceu certamente da necessidade de communicação, ligada ao instincto social, e dahi resultou para o pensamento o character socialisado e abstracto que lhe é proprio, mas tornou-se desde logo — condição essencial na propria elaboração interna do pensamento.

8. Não esqueçamos que o valor da intelligencia humana está na sua capacidade de abstracção e generalisação; no emtanto, si o espirito é capaz de abstrahir, só se pôde servir dessas abstracções, só pôde pensar com ellas, associando-as a uma imagem sensorial, a um symbolo. A symbolisação é absolutamente indispensavel ao pensamento abstracto, cuja exteriorisação é antes um acto de realisação mecanica, do que effeito de uma elaboração especial, com vistas exclusivamente á expressão. E' bem facil de comprehender a grande vantagem que ha, quanto á communicação, em que as cousas se passem deste modo. O pensamento, elaborado em termos sociaes e modelos verbaes, exprime-se automaticamente, e é immediatamente comprehendido, independentemente de qualquer esforço especial por parte dos que se communicam. Como admittir que a linguagem se pudesse desenvolver, e que o convívio social se estreitasse como se estreitou, si cada individuo, para communicar-se, tivesse de realisar um trabalho duplo e distincto — *pensar* e *organisar* a forma de expressão? E' certo que muitas vezes a expressão do pensamento exige attenção especial; mas é preciso distinguir o caso em que a attenção se volta para o proprio pensamento, cuja elaboração é difficil, daquelles em que a difficuldade é caracterisadamente de expressão. Esta ultima hypothese é relativamente rara. De modo geral, pôde dizer-se: todo pensamento abstracto que se define nitidamente e claramente na consciencia está egualmente em termos precisos e justos de expressão. Isto é assim para os juizos correntes na vida commum, como para o alto pensamento scientifico e philosophico. As difficuldades de pura expressão referem-se á linguagem litteraria, quando o artista quer dar á sua obra effeitos especiaes de sonoridade, de *rhythm*... ou, então, quando elle tem de traduzir na linguagem symbolica — em termos abstractos, mas ao mesmo tempo suggestivos — as suas imagens originaes.

9. A linguagem tem, pois, relações immediatas

e absolutas com a elaboração mental. Ella deriva do psychismo socializado da especie humana, mas, por sua vez, é condição do pensamento. A ideia é: generalisação, como valor representativo; symbolo, como evocação. O pensamento humano faz-se naturalmente em formas exteriorisaveis, e realisa-se como o reflexo, em cada consciencia, da experiencia geral. As communicações das consciencias se desenvolvem facilmente; cada intelligencia póde, então, assimilar os resultados da experiencia geral, e assim se estabeleceu uma verdadeira cooperação mental, no tempo e no espaço. A intelligencia existe como instrumento da acção; o pensamento é, de facto, um momento entre a sensação e o acto; mas, na especie humana a propria acção é socializada. Raramente o individuo passa do pensamento aos actos reflectidos sem se referir á experiencia geral, isto é, sem ter necessidade de buscar uma cooperação directa, ou indirecta. E essa cooperação presuppõe communicação, linguagem. A actividade mental é incompativel com o isolamento da consciencia; o pensamento tende naturalmente para a exteriorisação e communicação, e formula-se como linguagem.

10. O mecanismo e os termos, em cada lingua, têm um valor convencional, no sentido de que — só são comprehendidos, e só podem ser assimilados, pelas consciencias adrede preparadas; quer dizer, a linguagem se differenciou nos diversos grupos sociaes, como se differenciou a linba geral dos caracteres nacionaes, como se differenciaram os costumes. Mas, em si mesmo, o signal verbal tem origem espontanea, natural, e não convencional. A palavra deriva do grito instinctivamente emotivo, e das articulações espontaneamente imitativas. E' uma apropriação das exclamações interjectivas e das onomatopeias ás necessidades de communicação e de symbolisação. Poderíamos dizer: foi a expressão espontanea que, tornando-se consciente, evoluiu, reflectiu-se sobre a vida interior,

e se diferenciou em linguagem, propriamente dita (1). Não ha nenhuma contradicção entre affirmar-se — que o emprego da palavra deriva de um processo instinctivo de expressão, e que a linguagem evoluiu, desdobrando-se em differentes idiomas. Já o dissemos: houve no caso um desenvolvimento analogo ao que se deu com os costumes. O proprio pensamento tem um certo character em cada grupo social. A prova, no entanto, de que o processo da linguagem, como o do pensamento, corresponde a condições geraes da organização mental, é que as consciências guardam a capacidade de se servirem de outras linguas, que não o vernaculo, e que os grupos sociaes abandonam, muitas vezes, a lingua tradicional, e adoptam uma outra. E' o facto que se tem dado sempre que ha encontro de povos e de civilizações; é facto que a historia consigna de modo indiscutivel. Por outro lado, o modo pelo qual a criança adquire e organisa a sua linguagem mostra, bem claramente, que essa aquisição corresponde a um processo natural e necessario do seu desenvolvimento psychico-organico (2).

11. Havendo a tendencia (commum nos vertebrados superiores) a exteriorisar em gritos e em gestos certos estados de consciencia, dada a analogia dos processos psychicos, era natural que o homem primitivo, percebendo taes signos expontaneos, tivesse a representação evocativa do estado de consciencia que os determinou: grito ou gesto. Ainda hoje, si ouvimos um grito de alarma... si vemos alguém correndo... immediatamente, instinctivamente, se faz a representação de um estado de *medo*, ou a ideia de um *perigo*... de uma *fuga*, ou de uma *caçada*... Isto se

(1) Veremos adiante, a proposito dos "reflexos", que é commum e normal na evolução psychica — a absorpção de actos reflexos pela intelligencia, que os desdobra e os engloba em processos mais complexos, adaptadas a fins differentes. O grito é, de facto, um acto expontaneo e reflexo, aproveitado para o processo intelligente — da expressão symbolica.

(2) Primitivamente, na criança, a palavra cornesponde a uma representação concreta.

nota de modo bem apreciavel na vida infantil: a criança encontra-se com uma guloseima — expande-se em gritos e gestos de prazer ávido... e as outras, si o percebem, acodem immediatamente, como se fossem chamadas. E' esta a primeira phase na evolução psychica da linguagem — “a *interpretação instintiva* da expressão expontanea”. A segunda phase, mais importante, decisiva, é a do “*emprego intencional* dos signaes”, com o intuito de comunicação. A passagem, no emtanto, de uma phase para a outra é toda natural, e depende, apenas, do desenvolvimento mental. Nos seus primeiros soffrimentos, a creança grita e geme, sem nenhum intuito de ser soccorrida; acodem os paes, trazem-lhe assistencia, e, com a continuidade, faz-se na consciencia infantil uma associação natural — entre os gritos de dôr e os beneficos effeitos que se lhe seguiram. Começa, então, a criança a insistir accentuadamente nesses gritos e gemidos, quando se torna necessario receber soccorro. E' o primeiro appello á expressão. O homem primitivo gritava e gesticulava instintivamente, em face das situações perigosas; os outros acudiam, e assim se fez, naturalmente, a associação entre o grito de alarma e o soccorro recebido... Essa deve ter sido a origem da linguagem. Aliás, muitos vertebrados superiores — os que vivem em grupos — possuem os seus gritos, ou de aviso, ou de appello... Deste modo, o grito ou o movimento expressivo qualquer que seja, adquire um valor especial para cada consciencia. Elle não é, apenas, a exteriorisação expontanea de um estado emotivo: é o *signal evocativo* de uma representação. Tal grito evoca a ideia de caça... tal outro, a de incendio... Nestas condições: intencionalmente emittido, devidamente interpretado, o signal expressivo, antes de ser exteriorisado, define-se na propria consciencia, como o equivalente ou o symbolo mental da representação que nelle se exprime: é signal designativo para quem a elle recorre, mas tambem é um symbolo evocativo, como o é para a consciencia que o interpreta. Desde que se fez a associação symbolica en-

tre a representação e o signal, não é mais possível disjuntal-os no pensamento; desde que o homem primitivo começou a exprimir systematicamente a ideia de *tigre* por certo grito, e a de *agua*, por um outro grito, não lhe foi mais possível pensar na féra, ou no liquido, sem que o respectivo symbolo lhe acudisse á consciencia.

12. Vimos que os signaes de expressão intencional podem ser — gestos e sons; ainda hoje, na expressão das representações concretas, frequentemente recorremos aos gestos — para obter a exteriorisação immediata, ou para reforçar e accentuar o valor da expressão verbal. Mas, na linguagem symbolica e abstracta, prevaleceram os signaes sonoros — por que? Por muitas razões: 1ª, ha uma tendencia irresistivel a fazer acompanhar os estados emotivos, e as proprias representações mentaes, de movimentos vocaes, tanto que os surdo-mudos, sem nenhuma noção do valor das vozes, acompanham sempre os seus gestos com gritos; 2ª, os gritos são mais facilmente e mais francamente perceptíveis do que os gestos — quem vê, deve ouvir, mas que ouve, póde não ver; 3ª, os gritos e sons se caracterizam melhor como signaes diferentes e distinctos, quer dizer — numa serie de sons consecutivos, é mais facil distinguir cada um dos signaes, do que numa série de gestos; 4ª, os sons podem combinar-se de differentes modos, e podem fornecer um numero muito maior de signaes especiaes do que os gestos; 5ª, os sons se isolam e se distinguem mais facilmente dos movimentos immediatamente uteis; são, por isso, mais proprios para a linguagem, porque permitem ao individuo *exprimir-se* e, ao mesmo tempo, *realisar actos productivos*; 6ª, finalmente, os sons são mais proprios para symbolisar as representações abstractas, porque se constituem em signaes puros, exclusivamente symbolicos. No emtanto, os gestos são mais proprios para a expressão das representações concretas, que não sejam imagens sonoras; por isso mesmo, nós os empregamos concomitantemente com as palavras — para precisar-lhes o

sentido e accentuar as particularidades. O desenho é geralmente um recurso de expressão concreta (1). Tudo leva a crer que o homem começou a interpretar os signaes emotivos e a empregal-os intencionalmente, numa phase em que tanto se servia de sons como de gestos; porém, os sons, prevaleceram na linguagem systematisada em razão daquelles motivos apontados. O gesto apresenta a vantagem, já assignalada — de ser concreto e mais imitativo, ou directamente representativo; mas o signal sonoro tambem pôde ser imitativo: immediatamente imitativo, quando se trate de imagens auditivas, ou metaphoricamente imitativo, tentando reproduzir, em *rhythm*o auditivo, imagens de outras categorias, que se caracterisam pelo *rhythm*o. Por essa razão, desde cedo, foram utilizados como recursos de expressão symbolica os sons imitativos, ou onomatopéas. Todas as linguas contêm vocabulos caracterisadamente onomatopaicos, como *zumbido*, *estrondo*, *sibilo*... Os grammaticos distinguem uma categoria de verbos — os “frequentativos”, que correspondem positivamente a uma onomatopeia metaphorica: *bebericar*... *palpitar*... onde a repetição das syllabas exprime justamente a repetição da acção — de beber, de palpar...

13. A indicação da origem da linguagem basta para mostrar que se trata de um phenomeno de evolução, isto é, uma função que continuamente se desenvolve e se multiplica em manifestações. Effectivamente, os idiomas são mecanismos que constantemente se modificam, e se complicam e enriquecem, acompanhando o natural desenvolvimento do espirito humano e os progressos do pensamento. Attendendo

(1) Do desenho nasceu a escripta ideographica, onde as ideias eram representadas por uma imagem — immediata, ou metaphorica; a ideia era *desenhada*, tão approximadamente quanto possivel. No copta primitivo, o sol era um disco... a ideia de “realesa” — uma vespa, de azas erguidas, com o seu perfil pomposo... a “sede” — um boi correndo ao lado de linhas sinuosas, figurando as vagas de um regato... Nessa escripta mesma, os signaes graphicos se foram associando directamente aos sons. Depois, veio a escripta phonetica, correspondentemente necessario da linguagem symbolica e abstracta.

a isto, não pôde parecer estranho, por conseguinte, que os signaes verbaes tenham tido origem nos gritos interjectivos e nos sons onomatopaicos, e que diferentes linguas se apresentem com os vocabularios riquissimos que possuem. Essa grande riqueza se constituiu por formação derivada. As linguas mais ricas e mais cultas — as indo-européas — são, justamente, as que patenteiam de modo completo a evolução da linguagem. Está demonstrado, hoje, que o vocabulario de todas essas linguas deriva, de um modo geral, de cem ou cento e cincoenta palavras primitivas, cujos traços se encontram em todos esses idiomas, sob a forma de raizes irreductiveis. Uma dessas palavras originaes, por exemplo, corresponde á raiz *spec*, "spic"... que se liga á ideia geral de *ver*. Em latim, ella tomou a forma de "specio". Pois bem, derivadas dessa raiz temos em portuguez centenas e centenas de vocabulos, desde "speculum", "espelho"... até "circumspecção": espectáculo, respeitavel, espião, suspeição, especulação, especie, episcopal, peito, aspect, conspicuo, inspecção, perspectiva, respeito, expectativa, prospecto, espectro... A lista é muito mais longa. A cada um desses termos se liga toda uma familia de palavras. E' facil imaginar, portanto, todo o vocabulario que se formou tendo como ponto de partida o signal original ou primitivo — *spec*.

14. Em todo idioma ha a considerar: a syntaxe e o vocabulario. A syntaxe é o formulario de ordem ou de disposição dos termos, e corresponde, de modo directo, á propria organização do pensamento. Ha uma marcha normal e necessaria no arranjo e no seguimento das representações que concorrem nos juizos, ha uma correspondente ordem nas palavras, que se dispõem segundo a successão das associações: *O homem vinha a correr, e cahiu no barranco... Setecentos soldados, armados e municiaados, investiram contra o fortim, atacando-o por tres lados...* A forma da exposição verbal é, aqui — *syntaxe e ordem de representações*. Dos mesmos gestos do surdo-mudo,

póde-se dizer que têm a sua syntaxe, sem o que não poderiam ser interpretados.

O vocabulario é o repositório dos valores symbolicos da lingua. A disciplina grammatical tanto se refere á syntaxe, como ao vocabulario; mas tanto uma cousa, como a outra, desenvolve-se e modifica-se, ou evolue. As modificações de ordem syntactica têm sempre causas psychologicas, e se fazem como consequencia da evolução geral do pensamento. A queda da syntaxe synthetica, e a substituição do latim classico pelas linguas analyticas que a elle se filiam, no occidente europeu, tiveram como causa principal a orientação pesquisadora e critica que se impoz ao pensamento humano, levando os espiritos a attender, de modo bem explicito, a essas relações incluídas nas flexões causaes. Com isto, destacaram-se ellas nitidamente na consciencia, isolaram-se pelo processo natural de abstracção, e tornaram-se representações distinctas, mais livres e valiosas que as simples relações inclusas.

A evolução do vocabulario consiste, por sua vez, em: aquisição de termos novos, e modificações dos vocabulos existentes.

15. A multiplicação dos vocabulos corresponde de modo immediato a razões de ordem mental. Os termos novos surgem para symbolisar as novas ideias que se formam. Como se adquirem as ideias, assim se adquirem as palavras. Quer dizer, só se cream palavras na medida em que se cream ideias, e estas se formam acompanhando naturalmente o processo de formação daquellas. As ideias novas nunca surgem como novidade absoluta; ellas derivam necessariamente do cabedal intellectual já existente; resultam, por desenvolvimento natural, de outras já symbolisadas e de uso corrente. Entre as noções usuas se formam aproximações, combinações, associações... que dão lugar a novas syntheses mentaes abstractas; são as ideias novas, que correspondem, então, a novas formulas de relações entre os seres e as cousas. Os

seus symbolos formam-se tambem por *derivação*, *combinação*, *associação* ou *juxtaposição* de termos existentes. Havia a ideia de — distancia (*telos*) e a de *graphar*: quando surgiu a ideia de — *graphar á distancia*, para symbolisal-a, formou-se a palavra — *telegrapho*. Muitas vezes, surge uma ideia que vem intervir nos mais altos pensamentos humanos, no entanto, não chega a receber uma dessas designações syntheticas; foi o que aconteceu com a genial concepção de Newton — a *attracção universal* e com a ideia central na theoria de Darwin — a *selecção natural*. Ordinariamente, é a propria consciencia creadora da ideia que lhe dá o symbolo, como fez Augusto Comte com as ideias originaes que formulou. Mas, ás vezes, surge a ideia, e só mais tarde vem a ter designação propria. Evidentemente, a ideia de — sentimentos contrastantes com os do egoismo — já existia desde muito tempo; mas foi Comte quem a firmou no termo *altruismo*. Num grande numero de casos, ideias novas tomam denominações existentes, de cousas que com ellas se associam: *ambição* era primitivamente, em latim, o “passeio em torno”. . . Os individuos que, na antiga Roma, desejavam obter os suffragios para os cargos publicos faziam esse passeio em *torno do Forum*; surgiu a ideia de — desejo de alcançar altas posições, e a denominaram de — *ambição*. E’ por uma transposição analogica que *forum*, sendo a mesma palavra que *feira*, significa hoje, para nós — local onde se distribue a justiça. Teremos de tratar ainda dessas substituições na significação dos vocabulos.

16. No commercio normal das ideias, quando ellas se transmittem, é com o respectivo symbolo; por isso, em todo idioma, encontram-se termos que não são vernaculos, isto é, que não são da propria lingua, como — *cheque*, *alfazema*, *chá*, *nickel*, *chic*. . . em portuguez, para onde taes palavras vieram com as respectivas ideias. Muitas vezes, recebendo do estrangeiro uma ideia, prefere-se dar-lhe um symbolo tirado do vernaculo, por derivação propria, como se a ideia fosse tambem propria; tal succedeu em por-

tuguez com as ideias de telegrapho, automovel, socio-genese... que são palavras portuguezas, ao passo que *wagon*, *debenture*, *sport*... são termos importados. As modificações propriamente ditas do vocabulario, ou são variações na significação e no valor dos termos, ou são alterações na sua composição phonetica. As primeiras correspondem sempre a determinantes mentaes; as segundas são ligadas geralmente a causas physiologicas, mas pódem ser de ordem mental, tambem. A modificação no valor symbolico dos termos se faz no sentido de associações naturaes e frequentes, quando surge uma ideia nova (ou mesmo sem essa condição de novidade); vemos, então, uma palavra passar, em virtude de uma destas associações, a uma ideia inteiramente distincta, sinão differente, daquella a que ella estava primitivamente ligada. *Explorar*, *peculio*, *explosão*... mudaram assim de significação no latim, como *ministro*, *ministerio*... passaram a ter um outro valor vernaculo, em portuguez (1). No falar brasileiro, *capoeira* tem significação que lhe falta originariamente no portuguez. As alterações de pronuncia (e de graphia, por consequente) obedecem a motivos geralmente organicos — necessidades de euphonia, economia de esforços na articulação e na emissão dos sons (lei do “menor esforço”). E é assim que essas alterações têm um regimen preciso dentro de cada idioma. No portuguez, é característica a substituição do grupo *pl*, do latim, pelo *ch* — *chuva*, *choro*, *chumbo*... Esse pro-

(1) “Explorar” significa litteralmente — *chorar fora*. Os que se apresentavam aos tribunaes romanos, pedindo justiça, mostravam-se naturalmente chorosos, e a ideia desse “choro em publico”, se associou a essa outra — das indagações necessarias para apreciar a exactidão da queixa. Assim, *explorar* passou para a linguagem judiciaria com a ignificação de *investigar*, e daí se estendeu ao vocabulario geral, com esse valor exclusivo, de tal sorte que, hoje, essa palavra, si faz lembrar a ideia de choro, é por um caminho que a põe como que em opposição com a sua primitiva significação: a exploração passou, de investigação a aventura, de aventura a extorsão mais ou menos disfarçada, mas, em todo caso, podendo fazer chorar a victima...

cesso de suavisação da pronuncia, estende-se a outras articulações em *L*, como — *mancha, igreja*... Ha abrandamento e suavisação na substituição do *c* pelo *i*, ou pelo *u* — *doutor, peito, noite*... e nas alterações de que resulta a eliminação dos esdruxulos — *pardo, treva, terrivel*... A lingua franceza eliminou de modo completo todos os esdruxulos. Algumas vezes, no emtanto, a alteração phonetica se faz por motivos psycholgicos, como acontece com a palavra *bagagem*, importada do francez, e que, no vernaculo portuguez, tomou a fórma que é commum a todas oriundas do latim, ou formadas por derivação com o suffixo *agem* — *sondagem, rodagem, imagem* (1).

(1) Ha coincidencias de alterações — phoneticas e symbolicas, que mudam quasi completamente a essencia do vocabulo; tal acontece com: *prumo, chão, piano, homizio, mister* (na phrase — é mister)... são expressões que, tanto no significado, como na sonoridade, já se afastaram muito da sua origem.



Affectividade

CAPITULO XV

CARACTERES GERAES DOS FACTOS AFFECTIVOS

Polarisação affectiva. — Diferenciação da sensibilidade: sensação e afeição. — Co-existência de representações e afeições. — Distincções entre os estados affectivos. — Passagem do agradável ao desagradável. — Relatividade dos estados affectivos.

1. As excitações nervosas que repercutem na consciencia têm um duplo effeito: dão logar a representações que se coordenam em conhecimentos, e affectam a sensibilidade numa formula subjectiva de — *agradável* ou *desagradável*, isto é, de dor ou prazer, mais ou menos accentuado. Os factos que resultam dessa tonalidade subjectiva dos estados de consciencia formam o dominio da affectividade: são "estados affectivos", e correspondem, na realidade das nossas relações, á conveniencia, ou á inconveniencia, das impressões recebidas, e das excitações que se desenvolvem. Quer dizer: nas manifestações affectivas, nós temos a consciencia dos nossos interesses immediatos. E' bem de ver que não poderíamos ser indifferentes ás impressões que recebemos, e aos processos subsequentes que se impõem á consciencia, porque a realisação da vida e a sua conservação dependem, de modo absoluto, das nossas relações com esses agentes

e influencias que nos impressionam. Aliás, a situação é a mesma para todos os outros seres vivos, desde os typos mais simples. E' propriedade essencial da materia viva, é condição absoluta de vida — a *irritabilidade*, isto é, a capacidade de accusar activamente a recepção das impressões. O mais rudimentar dos viventes — a *ameba*, impressionada, manifesta a sua irritabilidade por meio de attracções, ou repulsas, quanto ao agente que a impressionou. Nos organismos superiores e complexos, essa propriedade essencial se differença em — *sensibilidade e motilidade*. A sensibilidade é a manifestação inicial da reacção psychica integral, e corresponde — á recepção da impressão, e ás suas consequencias na actividade nervosa. A motilidade é o ultimo termo da reacção. Analysada na consciencia essa primeira phase da reacção psychica, distinguimos: aspectos que traduzem as condições do agente impressionante, e que são de certo modo objectivos, constituindo os elementos do conhecimento; e aspectos subjectivos, que traduzem immediatamente, como dissemos, a conveniencia, ou a inconveniencia, da impressão recebida. Esses factos nos fazem comprehender que, por sua vez, a sensibilidade se differencia, na consciencia, em representações — *objectivas* — e affeições — *subjectivas*. E' como si dissessemos: a intelligencia é, em si mesma, um aspecto ou um modo de ser da sensibilidade, em correspondencia com as condições objectivas dos agentes que nos impressionam, ao passo que a affectividade é o aspecto subjectivo da nossa sensibilidade.

2. Em physiologia, esta expressão — sensibilidade — tem um valor muito preciso e justo: é a capacidade de sentir ou de ser impressionado. Ella engloba todos esses processos intimos que só se differenciam na consciencia, porque, em verdade, a physiologia, adistricta ao exame dos factos tangiveis, só conhece na vida de relação — *sensibilidade e movimento*. Para ella, os estados intermediarios entre a recepção da impressão e a reacção motora, são pro-

cessos de plasticidade, de systematisação nervosa, e de transformação das excitações sensoriaes em estímulos motores. Por isso mesmo, torna-se muito geral e vaga, em Psychologia, a expressão — sensibilidade, pois que a ella se ligam os estados affectivos e os factos sensoriaes, que tambem são—processos ou modos de sentir, e que constituem, no emtanto, os processos elementares do conhecimento. Convém, por conseguinte, não deixar crear-se confusão entre “sensibilidade”, que é uma propriedade essencial na actividade nervosa, e *affectividade*, que o aspecto subjectivo dos factos sensiveis, quando apreciados na consciencia. Repetimol-o: dada uma impressão, manifesta-se a sensibilidade, e si a excitação resultante se propaga até os centros corticaes, a isto se seguem, como efeitos da sensibilidade: representações ou distincções de ordem objectiva, e repercussões subjectivas, que são como que attracções ou repulsões, definidas na consciencia pela tonalidade agradável... ou desagradável... E a isto se reduz, em essencia, a vida affectiva. Nem poderia ser de outro modo, porque, como o dissemos, as suas manifestações correspondem, de modo geral, á conveniencia ou inconveniencia das impressões e excitações que repercutem na actividade cerebral. Dest’arte, o característico da affectividade é justamente esse — estar contida nas duas formas elementares: dor e prazer. Quem sente, sente sempre um *quê* de agradável, ou de desagradável. Diz-se, então: a vida affectiva está rigorosa e absolutamente polarisada entre as formas — dor... prazer, e é necessariamente uma modalidade de pena, ou de gozo. Dahi não é possível sahir, porque a tonalidade do sentir resulta das variações — de mais ou de menos — nas possibilidades que se offerecem para a realisação da vida. O prazer é a consciencia da actividade vital nas suas diferentes solicitações; ao passo que a dôr surge com o embaraço que se oppõe a estas solicitações, e é a consciencia de uma parada da propria actividade vital. Por isso mesmo, pôde a dor apresentar-se com o caracter geral — o mal-estar de

uma infecção generalisada... o tédio absoluto; mas o prazer é sempre específico, e referido a uma forma determinada de satisfações. O estado de saúde physica, o equilibrio moral e mental, não se accusam na consciencia como prazeres positivos. Não ha prazeres geraes. Ha, quando muito, a sensação frustra de bem-estar.

3. Um outro caracter geral dos factos affectivos é que elles não chegam, nunca, a formar a totalidade da consciencia. Quer dizer: não ha estados de consciencia que sejam exclusivamente — *dôr*... ou *prazer*. A mesma cousa poderíamos affirmar quanto aos factos representativos; e quando, na linguagem psychologica, se oppõem estados affectivos a estados representativos, é simplesmente para distinguir as formas de consciencia onde *predominam*—ou aquelles, ou estes. No emtanto, em certas mentalidades, habitua-das longamente ás elaborações complicadas do alto pensamento, ha phases de quasi absoluta neutralidade de consciencia, isto é, em que a consciencia se occupa, apenas, de conhecer. Em todo caso, o começo, ou o fim, desses longos processos mentaes se liga, de certo modo, a motivos affectivos. Quanto aos estados affectivos elementares, estes são, absolutamente, impróprios para occupar a consciencia de um modo exclusivo (1). São tonalidades ligadas sempre a um objecto, que é a propria representação da causa — sensação, ou ideia. Por outras palavras: quando *sentimos*—prazer ou *dôr*, temos sempre a noção de que sentimos qualquer cousa, numa séde determinada, devido a uma causa qualquer. O ponto de partida do estado affectivo é, ao mesmo tempo, um facto ou um elemento *representativo*. Convém assignalar, todavia, que ha uma qualquer compensação na concorrência dos elementos affectivos e dos representativos, que se podem encontrar nos estados de consciencia: quanto maior é a importancia dos dados representativos, mais fraca é a tonalidade affectiva. Esta rela-

(1) Salvo nos casos de melancholia morbida.

ção se accusa de modo bem patente na gradação affectiva das sensações: os sentidos que mais concorrem para a vida mental são pobres de tonalidade. A visão propriamente dita ou perceptiva, o tacto de conhecimento, a audição commum, as representações cinesthéticas, são quasi neutras, ao passo que têm um valor essencial para o conhecimento; a generalidade das sensações internas, a olfacção, a gustação, de pouca importancia para a vida intellectual, são sempre de uma tonalidade affectiva muito viva. Verifica-se, deste modo — que a predominancia dos elementos representativos é mais exclusiva que a dos elementos affectivos.

4. A vida affectiva é absolutamente limitada á escala — agradável-desagradável; mas isto não quer dizer que, em consciencia, não façamos distincções entre os nossos estados affectivos. As distincções se formulam, necessariamente, de modo natural, e dimanam justamente da circumstancia a que acima nos referimos — de que os estados de consciencia nunca se formam exclusivamente de elementos affectivos. A estes se associam, sempre, dados representativos. Ao mesmo tempo, occorre que as manifestações affectivas — dôres, ou prazeres — correspondem de modo immediato ás solicitações e exigencias da propria vida; ora, no homem, essas solicitações se definem, bem explicitamente, em formas diversas, e com o vigor da energia vital. Nestas condições, as distincções que necessariamente fazemos entre as solicitações e necessidades, accusadas na consciencia como pendores, servem, *ipso-facto*, para definir os proprios estados affectivos que a ellas se ligam. E é por isso que não obstante se limitarem ás formas essenciaes de — *dôr* e *prazer*, os nossos estados affectivos se differenciam ou se distinguem perfeitamente uns dos outros: pelas representações e os objectos mentaes que a elles se associam, e pela natureza dos pendores ou das necessidades vitaes a que se referem. O prazer que acompanha a audição de uma symphonia é — prazer

auditivo e é “goso esthetic”; o doce de uma iguaria é prazer de repasto e é *sabor* agradável. Do desprazer causado por uma dissonancia, poderíamos dizer justamente o opposto do que dissemos quanto á harmonia. Convém assignalar que as distincções nos estados affectivos desagradaveis são menos nitidas ou diferenciadas, em geral, que nos prazeres, não só quanto ás excitações sensoriaes que as determinam, como quanto ás tendencias a que correspondem. A dôr, como embaraço ou lesão que é, tende naturalmente a tomar um character generalizado; ao passo que o prazer — realisação ou satisfação de solicitações explicitas, guarda sempre o seu character especifico. Quer dizer: quando distinguimos o “goso de uma melodia”, do “prazer do exercicio muscular”, apreciamos bem as differenças, tanto do ponto de vista das tendencias ou solicitações naturaes a que elles correspondem — tendencias estheticas... necessidade de acção... como do ponto de vista das respectivas imagens sensoriaes a elles associadas; ao distinguirmos o penoso do “ranger do vidro” e o da “immobilidade forçada”, a caracterisação é menos nitida, quanto á natureza das necessidades naturaes que são contrariadas. Todavia, para estabelecer uma discriminação methodica dos estados affectivos, é indispensavel discernir e caracterisar as solicitações ou tendencias naturaes a que elles se ligam. Antes disto, porém, convém analysar as condições de transição, na consciencia, do tom agradável ao desagradavel.

5. Dôr e prazer não são, apenas, as duas qualidades elementares das manifestações affectivas: são tambem, como vimos, os pólos da escala dentro da qual se pronuncia toda a nossa actividade affectiva; são tonalidades oppostas, separadas por uma gradação natural. E como essa gradação depende de condições subjectivas, verifica-se que, muitas vezes, uma mesma impressão se acompanha de tonalidades que passam gradativamente do — prazer á dôr. Tal acontece quando fazemos persistir sobre a lingua a im-

pressão de assucar: o *doce* é a principio *agradavel*, mas torna-se, finalmente, *desagradavel*. Em que consiste essa passagem? Qual a verdadeira forma da transição?... Não é uma simples substituição momentanea; isto nos diz a consciencia, pois que não ha dous momentos contiguos, em que os tons affectivos sejam nitidamente oppostos. Então, formularam alguns psychologos a hypothese de que — a passagem se faz por um decrescimento gradativo do prazer, á medida que a saciedade e a fadiga se vão pronunciando, até o ponto de extinguir-se completamente; começa, então, uma dôr de intensidade minima, e que vae crescendo, gradativamente tambem, até se tornar insupportavel. Esse ponto, ou esse momento, em que se extingue o prazer e começa a dôr, será como que um *zero affectivo*, analogo ao zero de temperatura, no dominio sensorial. Tanto vale dizer: esses psychologos admittem que haja estados affectivos neutros ou nullos, isto é, em que, *affectada* a consciencia, não é — nem dôr, nem prazer, o que ella sente. *A priori*, já se pôde affirmar que não deve ser assim. Essa hypothese admitte que ha um momento em que, havendo estado affectivo, isto é, em que “havendo na consciencia um *sentir*, não é — nem dôr, nem prazer, o que se sente.” Além disto, empiricamente, reconhecemos que não é assim que as cousas se passam, e que, nessa transição — *agradavel-desagradavel*, não ha nenhum momento em que a tonalidade prazer, ou dor, se dissipe na consciencia. Bem analysados os factos, verifica-se que a passagem se faz por uma *superposição*, na consciencia, de uma dor crescente, a um prazer decrescente. Concretamente: a tonalidade inicial da impressão de assucar é *agradavel*; mas desde logo começa, com o exercicio do aparelho sensorial, uma qual fadiga, que se vae accentuando de mais em mais, e que se pronuncia na consciencia como tom *desagradavel*, coexistindo com o prazer do *doce*. Então, simultaneamente, devido á saciedade, diminue o *agradavel*, e cresce o *desprazer* devido á fadiga que se accumula, até o momento em que a dôse

de prazer e de dôr se equivalem: é o *ponto* que corresponde ao chamado "zero affectivo". Em verdade, nesse momento não ha indifferença pela impressão, e sim, uma equivalencia de agradável e desagradável; quer dizer, a tonalidade de dôr não annulla a tonalidade prazer, contrabalançam-se as duas, mas coexistem, e nós as sentimos de modo confuso. Depois, accentua-se o elemento desagradável, que continua a crescer, enquanto a tonalidade agradável se reduz de mais em mais. E' essa coexistencia, de dôr e prazer, que os psychologos do *zero affectivo* regeitam, não admittindo que, num mesmo estado affectivo, possa haver elementos oppostos; ora, a interpretação dos sentimentos moraes complexos, como a *saudade* e o *ciúme*, seria absurda, si lhes não reconhecessemos a coexistencia de elementos affectivos de tonalidades oppostas — dôres que, num mesmo momento, se oppõem a prazeres. Devemos, pois, admittir que a consciencia affectiva pôde ser ao mesmo tempo agradável e desagradável.

6. A vida affectiva é toda pessoal, subjectiva pela sua essencia mesma, pois que ella engloba os diferentes aspectos segundo os quaes se manifesta a conveniencia, ou a inconveniencia, das impressões e excitações que affectam o organismo. No *sentir*, accusa-se formalmente a correspondencia das condições pessoaes com as influencias que interessam á realisação da vida, em cada individuo; a affeição é sempre relativa. No emtanto, ha categorias de influencias que produzem, geralmente, o mesmo effeito sobre todas as sensibilidades, e têm uma significação affectiva de character objectivo. Tal acontece, já o assignalámos, com os amargos — sempre desagradáveis, assim como as dissonancias, os máos odores... Em compensação, possui o doce um valor affectivo agradável, assim como os accordes musicaes, e algumas outras qualidades sensoriaes. Cumpre notar, porém, que a compensação — entre o valor objectivo dessas duas ordens de excitações sobre a affectividade senso-

rial — não é perfeita: as de valor subjectivo desagradavel são, effectivamente — sempre desagradaveis; ao passo que as excitações agradaveis se podem tornar — desagradaveis. Todos esses factos se explicam facilmente, sem contradizer a necessaria relatividade da vida affectiva. Si ha excitantes que são geralmente desagradaveis, é porque a organização nervosa apresenta uma perfeita analogia em todos os individuos. O sensorio tem, já o vimos, um caracter de defesa. Ha influencias que são nocivas para todos os organismos, e são, naturalmente, desagradaveis a todos: as temperaturas excessivas, os choques, as lesões... Os amargos vegetaes são geralmente amargos; de sorte que, por selecção natural, elles adquiriram esse valor subjectivo — desagradavel. Os assucarados, que são sempre bons alimentos, adquiriram, pelo mesmo processo, uma significação affectiva opposta. Mas, como a repetição de uma excitação acaba fatigando o orgão sensorial, a persistencia do doce degenera em desprazer. Quando tivermos de tratar das affeições etheticas, voltaremos ao assumpto.
